Márcia Xavier
Teófilo Arvelos

Quilombo itinerante

UMA EXPOSIÇÃO TRANSFORMADA EM LIVRO



editora IFTM

INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Triângulo Mineiro

QUILOMBO ITINERANTE

Uma exposição transformada em livro

Por
Márcia Xavier
Teófilo Arvelos

2025

Reitor
Marcelo Ponciano da Silva

Diretoria de Comunicação Social e Eventos
Ana Clara Santos Costa

Coordenação da Editora IFTM
Carla Regina Amorim dos Anjos Queiroz
Mariângela Castejon

Coordenação de Comunicação Social
Danilo Silva de Almeida

Coordenação de Cerimonial e Eventos
Cinthia Franzin Sousa

Conselho editorial da Editora IFTM

Ana Clara Santos Costa
André Luiz França Batista
Antenor Roberto Pedroso da Silva
Carla Regina Amorim dos Anjos Queiroz
Carlos Magno Medeiros Queiroz
Carlos Paula Lemos
Carolina Pimenta Mota
Claudio Marcio de Castro
Daniela Beatriz Lima Silva Viana
Danielle Freire Paoloni
Danilo Silva Almeida
Ernani Viriato de Melo
Fernanda Faustino Nogueira Nunes
Flávio Caldeira Silva
Geraldo Gonçalves de Lima
Guilherme de Freitas Borges
Gyzely Suely Lima
Hélio Aparecido Lima Silva
Isaura Maria Ferreira
Jaqueline Maissiat
Joyce Pereira Takatsuka Sodero
Larissa Vieira de Melo
Lívia Letícia Zanier Gomes
Márcia Aparecida Bellotti Camborda
Mariana Duó Passerini
Mariângela Castejon
Marina Robles Angelini
Paulo Irineu Barreto Fernandes
Renato Paulino Borges
Rosiane Maria Silva

Obra aprovada de acordo com o Edital 01/2024 REITORIA/DCSE/Editora IFTM

Projeto Gráfico e Diagramação
Marcos Roberto Capuci Lima

Revisão Textual
Márcia de Fátima Xavier
Mariângela Castejon

Normalização
Márcia de Fátima Xavier

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

X3q Xavier, Márcia
Quilombo itinerante: uma exposição transformada em livro / Márcia Xavier, Teófilo Arvelos. -- Uberaba: Editora IFTM, 2025.
79 p.: il.

Publicação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-64139-18-3 (livro digital)
ISBN 978-85-64139-19-0 (livro impresso)

1. Negros – Minas Gerais – Condições sociais. 2. Quilombos – Minas Gerais – Exposição fotográfica. 3. Minas Gerais – Civilização – Influências africanas. I. Arvelos, Teófilo. II. Título.

CDD 305.896098151

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Fernanda Imaculada Faria - CRB-6/2122

Prefácio

Este trabalho é a transformação da exposição fotográfica *Quilombo itinerante*, que retrata um pouco da história do Quilombo do Ambrósio, um dos mais importantes quilombos brasileiros, para o formato de livro. Exibida pela primeira vez em fevereiro de 2023, seu nome é devido a dois motivos. O primeiro é a itinerância dos quilombolas, que viveram no século XVIII onde hoje é o estado de Minas Gerais. Inicialmente, o líder Ambrósio e seus companheiros estabeleceram um quilombo na região de Cristais. Depois de ser perseguido, em 1746, o grupo partiu para a região de Ibiá e Campos Altos, onde constituiu um novo quilombo, que herdou o nome do anterior. O segundo motivo é o IFTM Itinerante, projeto de extensão realizado em 2019, em Ibiá e Campos Altos, no âmbito do qual foram feitas as fotografias aqui presentes. Desejamos, com este livro, que esses registros sejam assim eternizados, a fim de perenemente divulgar a rica história da região.

Agradecemos os apoios imprescindíveis concedidos pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro — o qual possibilitou a realização da exposição *Quilombo itinerante*, que fundamenta este livro, por meio de apoio à produtividade em pesquisa e inovação (Edital n.º 10/2021 da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFTM) — e pela professora Pâmella Nogueira, da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio, que se deslocou para muitos lugares diferentes para conseguir as autorizações de uso da imagem de pessoas retratadas nesta obra. Agradecemos, ainda, os auxílios da Prefeitura Municipal de Ibiá e de Lívio Soares de Medeiros, Clênio Vesal e Cláudia Amâncio, que contribuíram de distintas maneiras para a concretização da exposição.

Os autores

Sumário

Apresentação **12**

Introdução **14**

PARTE I

Morro do Espia e Ferradura **18**

Figura 1 — Mapa de localização 19
Figura 2 — Morro do Espia 20
Figura 3 — Ferradura 20
Figura 4 — Morro do Espia e Ferradura 21
Figura 5 — Professor subindo o Morro do Espia 21
Figura 6 — Morador da Comunidade do Quilombo no Morro do Espia 22
Figura 7 — Voluntários do programa IFTM Itinerante adentrando a Ferradura 23
Figura 8 — Participantes do IFTM Itinerante na Ferradura 24

Figura 9 — Registro da paisagem no alto do Morro do Espia 25
Figura 10 — Professores do IFTM *Campus* Patos de Minas no Morro do Espia 25
Figura 11 — Professor olha o horizonte no Morro do Espia 26
Figura 12 — Mapa da "conquista" 27

PARTE II

Memórias do quilombo 28

Figura 13 — Voluntárias do programa IFTM Itinerante realizando entrevista 29
Figura 14 — Professora acompanha entrevista 30
Figura 15 — Baú ornado com objetos reciclados 30
Figura 16 — Morador da zona rural em entrevista 31
Figura 17 — Morador da zona rural contando suas memórias 32
Figura 18 — Morador da zona rural contando histórias de Ambrósio 33
Figura 19 — Morador mostrando antigo objeto usado para fazer rapadura 34
Figura 20 — Muro de pedra 35

Figura 21 — Morador da Comunidade do Quilombo em entrevista 36
Figura 22 — Morador do povoado em um dia de muito trabalho 37
Figura 23 — Moradores conversando ao lado da MG-235 38
Figura 24 — Oficina de desenho 39
Figura 25 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/1 40
Figura 26 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/2 40
Figura 27 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/3 41
Figura 28 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/4 41
Figura 29 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/5 42
Figura 30 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/6 42
Figura 31 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/7 43
Figura 32 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/8 43
Figura 33 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/9 44
Figura 34 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/10 45
Figura 35 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/11 46

PARTE III

Comunidade do Quilombo 47

Figura 36 — Vista aérea da Comunidade do Quilombo 48
Figura 37 — Vista aérea da praça da Comunidade do Quilombo 49
Figura 38 — Quadra poliesportiva da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio 49
Figura 39 — Estudante regando mudas de beterraba 50
Figura 40 — Instrumento de percussão recém-produzido 51
Figura 41 — Momento artístico na Escola Municipal Quilombo do Ambrósio 52
Figura 42 — Instrumentos de percussão produzidos por estudantes 52
Figura 43 — Oficina “Mulheres extraordinárias” 53
Figura 44 — Estudante recortando imagem do livro *Um defeito de cor* 54
Figura 45 — Templo católico da Comunidade do Quilombo 55
Figura 46 — Uma das casas mais antigas ainda existentes do povoado 55
Figura 47 — Entrada de casa da Comunidade do Quilombo 56

Figura 48 — Esgoto a céu aberto na Comunidade do Quilombo 56
Figura 49 — Lâmpada instalada em residência da Comunidade do Quilombo 57
Figura 50 — Estudantes participantes do Eletro Instala 57
Figura 51 — Moradora recebendo foto da equipe do Eletro Instala 58
Figura 52 — Exibição do filme *Estrelas além do tempo* 58
Figura 53 — Momento musical conduzido por voluntárias do projeto 59
Figura 54 — Festa junina 60

PARTE IV

Itinerâncias do *Quilombo itinerante* 61

Figura 55 — Visita de moradores à primeira exibição da exposição 62
Figura 56 — Professora do povoado na exposição 63
Figura 57 — Morador na exposição 63
Figura 58 — Professor do povoado na exposição 64

Figura 59 — Montagem da exposição no Centenário de Ibiá 64
Figura 60 — Convite para cerimônia de celebração do Centenário de Ibiá 65
Figura 61 — Os autores na montagem da exposição em Ibiá 66
Figura 62 — Visitantes usando os monóculos da exposição em Ibiá 66
Figura 63 — Exposição virtual para estudantes do IFMG 67
Figura 64 — Montagem da exposição na Unicamp 68
Figura 65 — Novo pôster na terceira exibição do *Quilombo itinerante* 68
Figura 66 — Quarta montagem: 7.º ConPITec e 1.º CONEXT do IFTM 69
Figura 67 — Painéis na quarta exibição da exposição 69
Figura 68 — Exposição *O Quilombo do Ambrósio no cinema* 70
Figura 69 — *O Quilombo do Ambrósio no cinema* no MuP 70
Figura 70 — Programação da 2.ª Semana Municipal da Consciência Negra 71
Figura 71 — Material de divulgação de *O Quilombo do Ambrósio no cinema* 72

Palavras de um guardião da história quilombola 73

Figura 72 — Griô exibe livro sobre a história de sua família 73

Considerações... finais? 75

Referências 76

Autores 79

Apresentação

Na zona rural de Ibiá (MG), próximo ao limite intermunicipal com Campos Altos (MG), situa-se a "Ferradura" ou "Círculo do Ambrósio", sítio tombado, em 2002, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) onde se encontram vestígios e artefatos arqueológicos do Quilombo do Ambrósio de Ibiá/Campos Altos, que ali existiu em meados do século XVIII. De origem incerta, o quilombo foi destruído em 1759, a mando da administração colonial, por meio de um incêndio (Martins, 2024). Mesmo assim, os moradores locais, especialmente os da Comunidade do Quilombo, povoado localizado a 6,5 km da Ferradura, guardam histórias sobre Ambrósio e seus companheiros, transmitidas oralmente de geração a geração.

Haja vista a sua importância histórica e social, a Constituição Federal de 1988 conferiu especial atenção aos antigos quilombos, considerando-os como patrimônio cultural brasileiro, e determinando, em seu artigo 216, § 5.º, o tombamento de "todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos" (Brasil, 1988). O Quilombo do Ambrósio é referido por pesquisadores como o mais importante do país, depois do de Palmares (Martins, 2024). Com efeito, o sítio de Ibiá/Campos Altos ainda é o único quilombo brasileiro tombado pelo Iphan após a promulgação da atual Carta Magna, escolhido pela instituição devido à riqueza arqueológica de que ele dispunha.

Em 2019, para conhecer e valorizar essa história, o IFTM *Campus* Patos de Minas realizou um projeto de extensão na região denominado "IFTM Itinerante: da ancestralidade do quilombo à energia da modernidade" (Edital n.º 4/2019, da Pró-Reitoria de Extensão do IFTM). Conduzido por uma equipe multidisciplinar, composta por professores e estudantes dos cursos técnicos de Eletrotécnica, Mineração e Logística, o referido projeto buscou abranger aspectos culturais que valorizassem e ampliassem a discussão e a atuação frente às diversas identidades em diálogo e à interculturalidade para o reconhecimento, a preservação e a reconstrução de memórias,

de saberes e de práticas artísticas locais. Desse trabalho nasceu a exposição *Quilombo itinerante*, uma produção artística, educativa e de divulgação científica que buscou retratar, por meio de fotos, o que foi visto e feito em campo. Essa exposição, já exibida nas cidades de Patos de Minas (MG), Ibiá e Campinas (SP), destacou-se como um importante veículo de extensão para a divulgação da história do Quilombo do Ambrósio e da Comunidade do Quilombo.

Com o objetivo de eternizar o *Quilombo itinerante*, foi elaborado o presente livro, em que se colocaram, em páginas, os seus registros fotográficos, de maneira que todas as pessoas possam vê-los e, por intermédio deles, entrar em contato com a riqueza cultural e histórica quilombola. Composto de quatro partes, a primeira, "Morro do Espia e Ferradura", consiste em registros do Morro do Espia e da Ferradura, sítios históricos em que viveram os quilombolas no século XVIII. Na segunda parte, intitulada "Memórias do quilombo", são apresentadas fotografias de moradores e trabalhadores rurais dos municípios de Ibiá e de Campos Altos que foram entrevistados durante os dias de execução do projeto, bem como desenhos feitos por crianças da escola local após oficina de contação de histórias sobre o Quilombo do Ambrósio, desenvolvida com base no que foi escutado nas entrevistas. Na terceira parte, "Comunidade do Quilombo", há registros do povoado e de oficinas nele realizadas. Por fim, "Itinerâncias do *Quilombo itinerante*" apresenta imagens das exibições físicas e virtuais da exposição.

Introdução

Ao longo deste livro, serão apresentadas fotos de localidades e de moradores que guardam a história do Quilombo do Ambrósio de Ibiá/Campos Altos. Antes de percorrê-las, porém, convém destacar alguns aspectos geo-históricos que contextualizam o quilombo. Em 1720, a capitania de São Paulo e Minas do Ouro foi desmembrada: estava criada a capitania de Minas Gerais, emancipada devido à importância adquirida em decorrência da exploração aurífera em suas terras. Na colônia, a mineração não foi um evento tão somente econômico, mas também geográfico, o qual impulsionou a interiorização da metrópole (Straforini, 2022). A descoberta do ouro em Minas Gerais chamou a atenção de muitos habitantes de outras regiões do Brasil, bem como de Portugal. Em pouco tempo, as migrações, em grande volume, levaram a uma falta de mão de obra, seja nos locais de origem, seja na região mineradora, na qual se demandava, crescentemente, grande número de escravizados. Esse movimento preocupou a Coroa, que começou a restringir a migração por meio da exigência de passaportes, licenças e ordens especiais (Martins, 2024). Contudo, nenhuma norma colonial conseguiu deter esse processo, que seguiu em curso.

Se, na economia, a atividade aurífera deu origem ao chamado Ciclo do Ouro, no espaço geográfico, os novos usos do território desempenhados em Minas Gerais levaram à constituição de uma região colonial (Moraes, 2005). Embora não se tenha produzido, de início, uma região urbanizada integrada, com vilas e cidades estruturadas, os mineiros se aglomeravam em torno das catas, nas margens dos rios, levando à formação de núcleos (Straforini, 2022). Vila Rica, a capital e única cidade mineira quando da criação da capitania, formou-se em decorrência desse processo, tornando-se uma localidade próspera, onde a administração colonial se instalou.

A oeste, por outro lado, predominava um povoamento mais disperso, rarefeito e lento, considerado de menor importância econômica para a Coroa, onde se desenvolviam pequenas

lavouras e a criação de gado (Martins, 2022). Por lá também existiam, evidentemente, grandes áreas de vegetação nativa, inexploradas, que despertavam a curiosidade dos homens coloniais, que indagavam se tanta natureza escondia também riquezas minerais, como nas proximidades da capital. Além disso, desde, ao menos, meados da década de 1720, a região também contava com negros aquilombados, que buscavam no interior, distantes dos povoados e das cidades, a segurança mínima de que dependia a sua sobrevivência. Na verdade, a história do oeste da capitania está tão intimamente ligada ao aquilombamento que, sem ele, é impossível explicar a formação territorial nessa porção da colônia.

Entre os mineiros, o oeste da capitania era conhecido, genericamente, como Campo Grande, nome que muito provavelmente derivou do rio Grande — sempre retratado no centro dos mapas da região —, curso d'água que nascia na Serra da Mantiqueira e que percorria boa parte de Minas Gerais, em direção a Goiás. Chamavam-se Campo Grande tanto terras ao norte quanto ao sul do rio, inclusive certas partes situadas nas capitanias vizinhas São Paulo (onde existiu o Quilombo do Careca) e Goiás (onde se situou o Quilombo do Ambrósio de Ibiá/Campos Altos, destacado nesta obra). No entanto, a região não se confundia com a bacia hidrográfica do rio Grande, já que partes desta ficavam de fora, enquanto porções das bacias dos rios Paranaíba e São Francisco eram incluídas. Embora aparecesse na cartografia da época, o Campo Grande não era uma região delimitada oficialmente; assim, seus limites eram incertos, e sua localização variava de mapa para mapa, posto que sempre figurasse em área fronteiriça.

O Campo Grande era visto como uma parte mais pobre da colônia, mais selvagem, ainda por conquistar. Por isso, estava frequentemente associada ao termo "sertão", que constava de muitos documentos da época. Incluía, ainda, partes do que outros chamavam de "Sertão da Farinha Podre", entre os rios Grande e Paranaíba. Conforme observa Moraes (2003, p. 2),

> não há possibilidade de realizar uma caracterização geográfica precisa das localidades sertanejas, pois estas não correspondem a uma materialidade terrestre individualizável, passível de ser localizada, delimitada e cartografada no terreno.
>
> [...] Enfim, o sertão não é uma materialidade da superfície terrestre, mas uma realidade simbólica: uma ideologia geográfica. Trata-se de um discurso valorativo referente ao espaço, que qualifica os lugares segundo a mentalidade reinante e os interesses vigentes neste processo.

Conceitualmente, o Campo Grande pode ser melhor entendido como um conjunto de fundos territoriais,

> [...] constituídos pelas áreas ainda não devassadas pelo colonizador, de conhecimento incerto e, muitas vezes, apenas genericamente assinaladas na cartografia da época. Trata-se dos "sertões", das "fronteiras", dos lugares ainda sob domínio da natureza ou dos "naturais". Na ótica da colonização, são os estoques de espaços de apropriação futura, os lugares de realização da possibilidade de expansão da colônia (Moraes, 2005, p. 69).

A fuga de escravizados das fazendas e das áreas de extração de ouro foi uma constante durante todo o século XVIII em Minas Gerais, os quais foram se aquilombando em dezenas de grupos distintos (Guimarães, 1988). Desse modo, foram se interiorizando, mais e mais, os quilombos, já que estes deveriam estar a uma distância relativamente segura dos povoados, garantindo, aos resistentes, o refúgio de que necessitavam. A distância dos quilombos deveria ser tal que desencorajasse missões destinadas a destruí-los, porque viriam a ser por demais dispendiosas. Ao mesmo tempo, deveria permitir a existência de uma rede de relações, seja por meios ofensivos aos homens coloniais, seja por meios horizontais para com escravizados e demais indivíduos solidários aos negros fugidos.

Posto que, no século XVIII, tenha havido muitos quilombos pequenos nos arredores dos povoados e cidades, os quilombos de maior extensão — e, por consequência, os mais severamente combatidos — geralmente se situavam nos fundos territoriais. Esse é o caso do Quilombo do Ambrósio de Ibiá/Campos Altos, que se instalou em terras goianas depois de ser perseguido em Minas Gerais, em 1746 (Martins, 2024). "Embora muitas regiões do Brasil oferecessem refúgios ideais para os quilombolas, a capitania de Goiás deve ser considerada entre as melhores para esse fim pela inacessibilidade de seus esconderijos naturais" (Karasch, 2021, p. 278). Por um lado, essa inacessibilidade era resultado da configuração geográfica, "dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes [...] numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais" (Santos, 2020, p. 62). Por outro, era também resultado das grandes distâncias até os núcleos urbanos, as quais não só implicavam custos elevados de transporte como também a diferenciação qualitativa do poder colonial: no interior, distante da administração metropolitana, as normas rígidas não tinham a capacidade de se impor com o mesmo rigor do que nos centros econômicos. Nesse contexto, os "sertões" do Campo Grande

tinham uma inacessibilidade geográfica, econômica e normativa.

Os quilombos do oeste da capitania incomodavam a Coroa, que via neles uma ameaça ao escravismo, a qual se articulava crescentemente, como em Palmares. A primeira definição normativa de quilombo foi dada, em 1740, pelo Conselho Ultramarino, que o considerou como "toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem neles se achem pilões". Um quilombo referia-se, assim, a um espaço físico, à "habitação" localizada em uma "parte despovoada", em um "sertão". Contudo, o quilombo era mais que isso; não era mero espaço físico, mas continha o "[...] elemento vivo, dinâmico, ameaçador da ordem escravista, enfim, o escravo fugido" (Guimarães, 1988, p. 39). Era um espaço não só de fuga, mas de resistência. Por isso, a destruição dos quilombos era entendida como uma necessidade para a paz na capitania mineira. E, como eles estavam mais ou menos articulados entre si, essa empresa não poderia se limitar às fronteiras formais da capitania: se houvesse quilombolas para além de Minas Gerais que estivessem causando prejuízos aos mineiros, deveriam ser igualmente combatidos.

A guerra aos quilombos traria, assim, nobres benefícios à sociedade colonial, mas também atrativas recompensas aos exterminadores. A busca particular por esses méritos levou a uma verdadeira profissionalização dos capitães do mato, com a instituição das patentes de capitão, sargento-mor e capitão-mor do mato (Guimarães, 1988). Além do reconhecimento social pelos serviços prestados, esses profissionais ganhavam por cada negro capturado. A título de exemplo, o Regimento de 1722 determinava o pagamento de 20 oitavas de ouro ao capitão do mato pela tomadia de cada quilombola. Desse modo, o combate aos quilombos permitia certa ascensão social, o que atraiu a atenção de muitos.

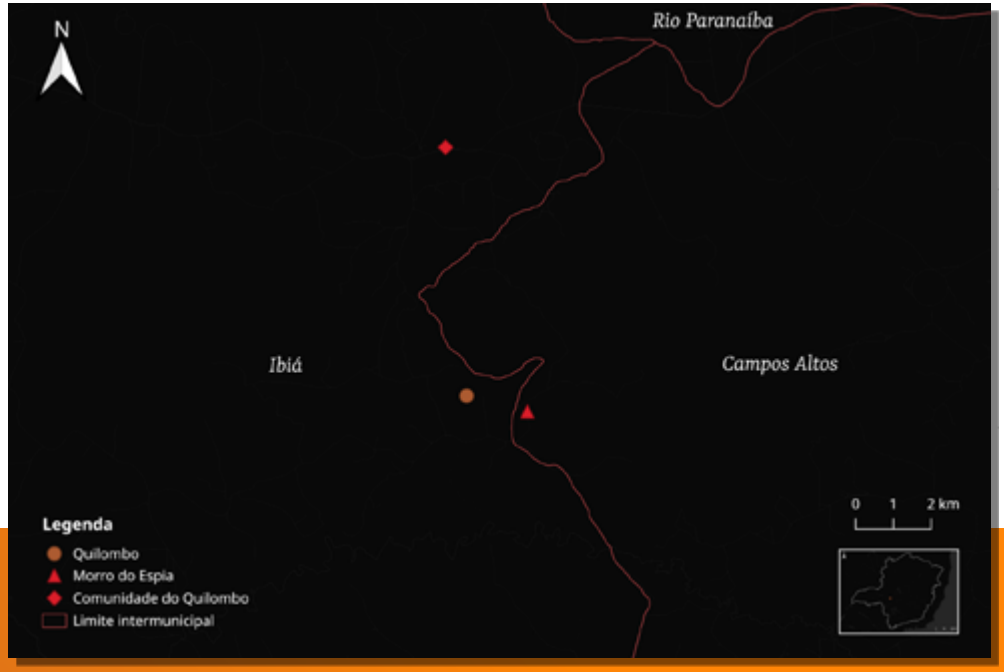
Toda essa estrutura voltada ao extermínio dos quilombos fez não só com que estes fossem destruídos, mas também que sua memória fosse apagada. Nas palavras de Martins (2024, p. 4), a história dos quilombos do Campo Grande, da liderança de Ambrósio e dos feitos de seus companheiros foi "roubada do povo". Trata-se de uma memória que precisa ser urgentemente recuperada e valorizada, pois corre o risco de se perder. Nesse sentido, a presente obra tem como objetivo, ao transformar uma exposição fotográfica sobre o Quilombo do Ambrósio de Ibiá/Campos Altos em livro de acesso aberto, eternizar registros e relatos, divulgando-os para todo o público, para que essa história possa ser conhecida, reconhecida e ensinada.

PARTE I

Morro do Espia e Ferradura

A presente seção apresenta figuras que relacionam os tempos passado e presente, ligando a história à contemporaneidade. Inicia-se com um mapa de localização, que é seguido por fotografias do Morro do Espia e da Ferradura, lugares de profundo significado para os quilombolas setecentistas, mas também para a população local de hoje. Por fim, é apresentado um mapa do século XVIII, que retrata os quilombos do Campo Grande devastados pelos colonizadores.

Figura 1 — Mapa de localização



Fonte: IBGE, CartoDB/Dark Matter.
Elaboração: Teófilo Arvelos, 2022.

Mapa artístico das localizações da Comunidade do Quilombo — onde foi desenvolvida a maior parte das atividades do programa IFTM Itinerante —, do sítio tombado do Quilombo do Ambrósio — também conhecido como "Ferradura" ou "Círculo do Ambrósio" — e do Morro do Espia — acidente geográfico de onde os quilombolas observavam o território —, locais de grande importância histórica regional.

Figura 2 — Morro do Espia



Fonte: Teófilo Arvelos, 2021.

Morro do Espia, acidente geográfico em que os quilombolas observavam o seu entorno. Muitas são as histórias e teorias populares acerca da utilização desse morro. Os moradores locais divergem entre si: há quem afirme que ele era usado para a prática do banditismo, de onde avistavam boiadeiros ou reses que passavam por perto; há quem afirme que seu fim era puramente defensivo, de onde visavam à aproximação de possíveis invasores.

Zonas rurais de Ibiá e Campos Altos, 2021.

Figura 3 — Ferradura



Fonte: Teófilo Arvelos, 2021.

Fotografia aérea da "Ferradura" ou "Círculo do Ambrósio", área em que se situava o antigo quilombo. Um fosso, em formato de ferradura, o delimitava. A única entrada possível era pelo lado do córrego, situado na parte direita da imagem, encoberto pelas copas das árvores. Hoje, o entorno do local encontra-se bastante alterado, sendo utilizado para fins agropecuários. O sítio, em que ainda há importantes vestígios arqueológicos, foi tombado em 2002 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), constituindo-se em um dos primeiros quilombos tombados do país.

Zona rural de Ibiá, 2021.

Figura 4 — Morro do Espia e Ferradura



Fonte: Teófilo Arvelos, 2021.

Fotografia aérea de parte das zonas rurais de Campos Altos e Ibiá. O Morro do Espia (ponto A) está em Campos Altos. A Ferradura (ponto B), em Ibiá. A distância entre eles é de cerca de 1,6 km. Na parte inferior da imagem, encoberto pelas copas das árvores, há um curso de água, registrado em documentos cartográficos como "Córrego Quilombo do Ambrósio" ou, simplesmente, "Córrego do Ambrósio".

Zonas rurais de Ibiá e Campos Altos, 2021.

Figura 5 — Professor subindo o Morro do Espia



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Professor participante do programa IFTM Itinerante sobe em direção ao alto do Morro do Espia. O acidente geográfico tem uma altitude de 1.122 metros; a Ferradura, de 1.040. Desta, é possível avistar o topo do morro — o que permite afirmar que, no passado, quilombolas que estivessem em um desses pontos poderiam exercer algum tipo de comunicação com aqueles que estivessem no outro.

Zona rural de Campos Altos, 2019.

Figura 6 — Morador da Comunidade do Quilombo no Morro do Espia



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

No alto do Morro do Espia, morador da Comunidade do Quilombo conta histórias de Ambrósio e seus companheiros. Em sua fala, ele destaca as interações entre quilombolas e propriedades rurais de homens brancos no século XVIII. Suas palavras vão ao encontro da história: os quilombos não eram comunidades completamente isoladas, que não tinham relações com os povoados e fazendas. Ao contrário, com eles compartilhavam informações e faziam trocas comerciais, mas contra estes também se rebelavam, praticando, por exemplo, furtos de animais e produtos alimentícios (Guimarães, 1988).

Zona rural de Campos Altos, 2019.

Figura 7 — Voluntários do programa IFTM Itinerante adentrando a Ferradura



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Conduzidos por um professor da escola da Comunidade do Quilombo, à esquerda, voluntários do programa IFTM Itinerante adentram a Ferradura, sítio em que existiu o Quilombo do Ambrósio de Ibiá/Campos Altos. Onde pisam, havia um fosso, com estacas pontiagudas, provavelmente construído pelos quilombolas para dificultar a entrada de invasores.

Zona rural de Ibiá, 2019.

Figura 8 — Participantes do IFTM Itinerante na Ferradura



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

No interior da Ferradura, professor da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio conta aos voluntários do IFTM Itinerante uma parte da história do quilombo, bem como os resultados de pesquisas arqueológicas conduzidas no local por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Conforme Guimarães e Cardoso (2001), foram descobertos, no sítio, vestígios de diferentes espécies vegetais cultivadas pelo ser humano, como milho, feijão e mamona. Esses achados indicam um possível uso do território desempenhado pelos quilombolas: a agricultura de subsistência, comprovadamente presente em outros quilombos mineiros do século XVIII, como o Braços da Perdição e o Rio da Perdição (Gomes, 2015). Essa agricultura seria capaz de fornecer aos moradores do quilombo "um regime alimentar razoavelmente diversificado", ao mesmo tempo que indicaria uma "divisão do espaço de acordo com suas funções" (Guimarães; Cardoso, 2001, p. 44), com áreas destinadas ao plantio: as roças.

Zona rural de Ibiá, 2019.

Figura 9 — Registro da paisagem no alto do Morro do Espia



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Do alto do Morro do Espia, voluntário do programa IFTM Itinerante fotografa a paisagem. Entre o século XVIII, período em que viveram Ambrósio e seus companheiros, e os dias de hoje, muita coisa mudou. Parte expressiva do cerrado e das matas ciliares do entorno do quilombo deu lugar a estradas, plantações, pastos e casas.

Zona rural de Campos Altos, 2019.

Figura 10 — Professores do IFTM *Campus* Patos de Minas no Morro do Espia



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

No alto do Morro do Espia, professores do IFTM *Campus* Patos de Minas participantes do programa IFTM Itinerante.

Zona rural de Campos Altos, 2019.

Figura 11 — Professor olha o horizonte no Morro do Espia



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Do alto do Morro do Espia, professor da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio olha o horizonte, como também faziam os quilombolas no século XVIII.Segundo Martins (2024), apesar de conflitos menores terem ocorrido antes, foi em 746 que houve a primeira grande guerra aos quilombos do Campo Grande. Embora "[o]s documentos político-administrativos das batalhas de 1746 não se referiram ao Quilombo do Ambrósio e nenhum deles deu a sua localização" (Martins, 2024, p. 503), a situação dos eventos confirma que o principal ataque tinha como alvo o Quilombo do Ambrósio da região de Cristais, cujos habitantes fugiram e fundaram um novo quilombo na parte goiana do Campo Grande. A última grande guerra a esses quilombos, por sua vez, ocorreu em 1759 e 1760, na qual morreu o líder Ambrósio no Quilombo da Pernaíba, que se situava em um local hoje próximo à cidade de Patrocínio (Martins, 2024).

Zona rural de Campos Altos, 2019.

Figura 12 — Mapa da "conquista"



Fonte: Rede da Memória Virtual Brasileira/Biblioteca Nacional, 2024.

Mappa da Conquista do Mestre de Campos Regente Chefe da Legião Ignacio Correya Pamplona (cópia de 1784), que retrata vários quilombos destruídos no Campo Grande, incluindo o de Ambrósio. O uso da palavra "conquista", neste e em diversos outros documentos mineiros da época, suscita questionamentos. Quem conquista conquista algo, e algo que era antes de outrem. O que e de quem se estava conquistando? É importante recordar que a maior parte do Campo Grande pertencia por direito a Minas Gerais. E foi justamente na parte mineira, mais próxima à região aurífera, que se iniciou a "conquista". O que se vê, no mapa, é a vitória da Coroa sobre os quilombos. O que foi conquistado eram os territórios quilombolas.

PARTE II

Memórias do quilombo

Na segunda parte desta obra, são apresentados registros de guardiões da história: os moradores locais. Os relatos orais são fundamentais para uma compreensão mais ampla do tema, já que as vozes dos quilombolas do período colonial raramente aparecem em fontes escritas, pois a maioria dos negros da época era analfabeta: assim, são a memória e a tradição oral, em vez da palavra escrita, que transmitem a história dessas comunidades (Shore, 2017). Também são apresentados, em seguida, trabalhos artísticos feitos por crianças e adolescentes retratando o quilombo. Despertar o interesse das novas gerações pelo tema é a única forma de manter a história viva.

Figura 13 — Voluntárias do programa IFTM Itinerante realizando entrevista



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Voluntárias do programa IFTM Itinerante realizam entrevista em residência rural. Em todas as entrevistas realizadas, foi pedida a autorização para gravação em áudio e em vídeo, sendo sempre respeitada a vontade da pessoa entrevistada. Conforme apontaram Paiva *et al.* (2021, p. 14) em relato de experiência, "a história do quilombo e a do Ambrósio não têm sido preservadas, mesmo na comunidade, como imaginávamos". De fato, era mais comum encontrar pessoas que diziam não conhecer relatos sobre ela do que o contrário.

Região de Ibiá e Campos Altos, 2019.

Figura 14 — Professora acompanha entrevista



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Professora da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio acompanha entrevista realizada na casa de trabalhador da zona rural. Ela, que sempre busca trabalhar a história quilombola em suas aulas, contribuiu para a seleção dos moradores a serem entrevistados pela equipe do programa IFTM Itinerante.

Região de Ibiá e Campos Altos, 2019.

Figura 15 — Baú ornado com objetos reciclados



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Baú ornado com objetos reciclados. Em ano anterior, no âmbito de um projeto interdisciplinar desenvolvido na Escola Municipal Quilombo do Ambrósio, os estudantes da instituição recolheram materiais recicláveis — em especial, objetos metálicos —, com os quais foi ornado um baú de madeira. Ao longo do desenvolvimento do projeto, foi também abordada a história da comunidade e do quilombo, bem como a importância de se preservar o meio ambiente.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 16 — Morador da zona rural em entrevista



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Morador da zona rural conta relatos de Ambrósio e seu quilombo. Atualmente, são poucas as pessoas da região que ainda guardam memórias sobre a vida dos quilombolas, as quais foram repassadas oralmente, de uma geração a outra.

Região de Ibiá e Campos Altos, 2019.

Figura 17 — Morador da zona rural contando suas memórias



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Morador da zona rural conta suas memórias sobre Ambrósio e seus companheiros. Nos relatos ouvidos de pessoas não negras, predominam versões negativas sobre o quilombo, as quais não foram inventadas pelos entrevistados, mas transmitidas ao longo de gerações. No período colonial, o racismo e os interesses de interiorização do poder metropolitano se fundiram na construção de um discurso antiquilombola, que demandava e justificava a exterminação violenta de todos os quilombos. Esse discurso ainda sobrevive em diversas regiões do país, em que constantemente são atacadas a história e os direitos das comunidades quilombolas.

Região de Ibiá e Campos Altos, 2019.

Figura 18 — Morador da zona rural contando histórias de Ambrósio



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Morador da zona rural conta suas memórias sobre Ambrósio e seu quilombo. Nos relatos dos moradores, feitos bons e maus são atribuídos aos quilombolas setecentistas. No entanto, é sabido que parte das crueldades imputadas aos negros fugidos é uma construção dos homens coloniais. Com efeito, para angariar o máximo de recursos da administração colonial com o fim de destruir os quilombos, os capitães do mato retratavam-nos como sérias ameaças (Martins, 2024). Assim, logravam chamar a atenção da metrópole para seus empreendimentos, persuadindo-a a financiá-los e a recompensá-los fartamente.

Região de Ibiá e Campos Altos, 2019.

Figura 19 — Morador mostrando antigo objeto usado para fazer rapadura



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Morador da zona rural mostra, em um galpão, antigo objeto usado para fazer rapadura. No século XVIII, em que viveram Ambrósio e seus companheiros, era comum que pessoas escravizadas trabalhassem em lavouras de cana-de-açúcar e na feitura de produtos derivados do caldo da planta.

Região de Ibiá e Campos Altos, 2019.

Figura 20 — Muro de pedra



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Na zona rural de Ibiá, muro de pedra construído por escravizados para conter gado. Em tempos em que ainda não se comercializavam arames de cerca, como os que aparecem na imagem, animais domésticos eram comumente contidos no campo por meio de valas escavadas na terra ou muros erguidos com rochas da região. Hoje, depois de tantos anos desde a sua construção, o muro da foto já se encontra deteriorado, parcialmente caído, o que levou os proprietários da fazenda a optarem por uma cerca, que ajuda, ainda, a protegê-lo do gado.

Zona rural de Ibiá, 2019.

Figura 21 — Morador da Comunidade do Quilombo em entrevista



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Morador da Comunidade do Quilombo recebe voluntários do programa IFTM Itinerante em sua casa para uma entrevista. Em sua fala, ele destacou a importância dos acidentes geográficos da região para os antigos quilombolas. O território é sempre fundamental para qualquer quilombo; mas trata-se, aqui, do território usado, que não são apenas formas, mas objetos e ações (Santos, 2014): "[A] expressão histórica do espaço geográfico" (Souza, 2019, p. 7). Segundo Anjos (2006, p. 339), os territórios quilombolas são territórios étnicos, porque são constituídos com base nas "referências de identidade e pertencimento territorial" de uma "população [que] tem um traço de origem comum". De fato, "[a] força do vínculo territorial revela que o espaço está investido de valores não só materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e emocionais" (Bonnemaison; Cambrezy, 1996, p. 10, tradução nossa).

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 22 — Morador do povoado em um dia de muito trabalho



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Morador da Comunidade do Quilombo em um dia de muito trabalho. Enquanto era entrevistado, ele, aos 85 anos, reformava o telhado da varanda de sua casa. Algumas lendas sobre o antigo quilombo foram contadas pelos moradores locais. Entre elas, a de que assombrações perseguem quem visita o Morro do Espia à noite, e a de que um tacho de ouro, que pertencia aos quilombolas, encontra-se enterrado em um lugar desconhecido.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 23 — Moradores conversando ao lado da MG-235



Fonte: Teófilo Arvelos

Moradores da Comunidade do Quilombo conversam ao lado da MG-235, rodovia adjacente ao povoado. Todos os habitantes da localidade e das zonas rurais de Ibiá e Campos Altos que foram entrevistados no âmbito do IFTM Itinerante revelaram-se felizes em viver ali. A hospitalidade e a alegria da população, bem como a rica história local, foram aspectos que marcaram muito positivamente os voluntários do programa.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 24 — Oficina de desenho



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Oficina de desenho realizada na Escola Municipal Quilombo do Ambrósio. Depois de uma oficina de histórias, em que foram contados os vários relatos sobre Ambrósio e seus companheiros escutados nas entrevistas, foi proposto aos estudantes desenhar algo que retratasse o quilombo segundo suas próprias visões.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 25 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/1



Neste desenho, estudante retrata o Morro do Espia. Nota-se um quilombola em seu topo, observando o território.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Fonte: participante da oficina de desenho, 2019.

Figura 26 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/2



Neste desenho, estudante retrata os acidentes geográficos da região. Nota-se um quilombola escondido no Morro do Espia, observando o território.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Fonte: participante da oficina de desenho, 2019.

Figura 27 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/3

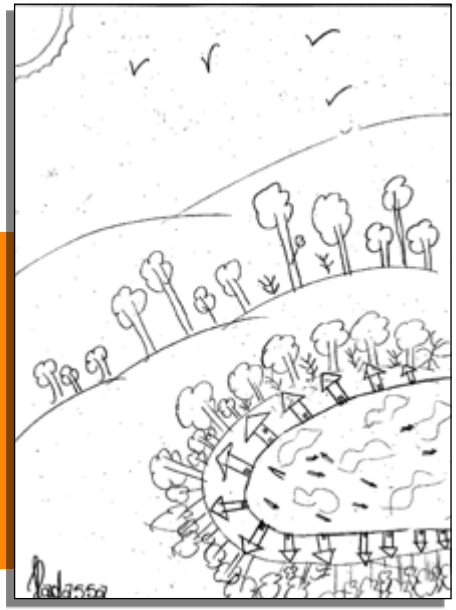


Neste desenho, é retratada a Ferradura e o seu entorno.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Fonte: participante da oficina de desenho, 2019.

Figura 28 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/4



Neste desenho, é retratada a Ferradura e o seu entorno.

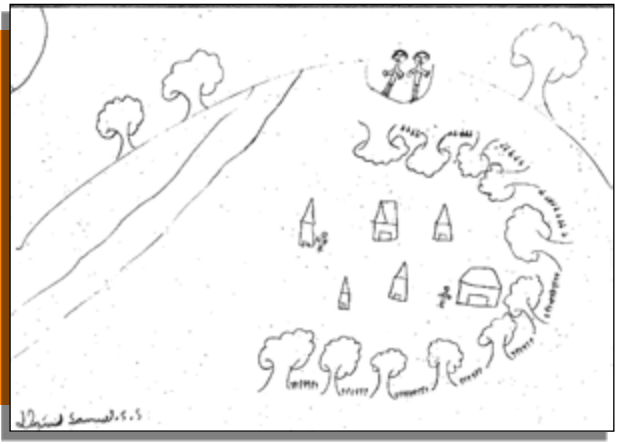
Comunidade do Quilombo, 2019.

Fonte: participante da oficina de desenho, 2019.

Figura 29 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/5

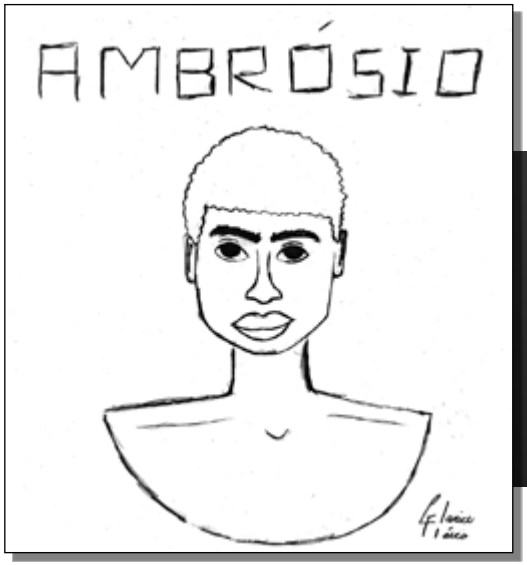
Neste desenho, estudante retrata o Morro do Espia, com dois quilombolas nele escondidos, e a Ferradura.

Comunidade do Quilombo, 2019.



Fonte: participante da oficina de desenho, 2019.

Figura 30 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/6



Neste desenho, é retratado o líder quilombola Ambrósio.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Fonte: participante da oficina de desenho, 2019.

Figura 31 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/7



Fonte: participante da oficina de desenho, 2019.

Neste desenho, é retratado o líder quilombola Ambrósio.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 32 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/8

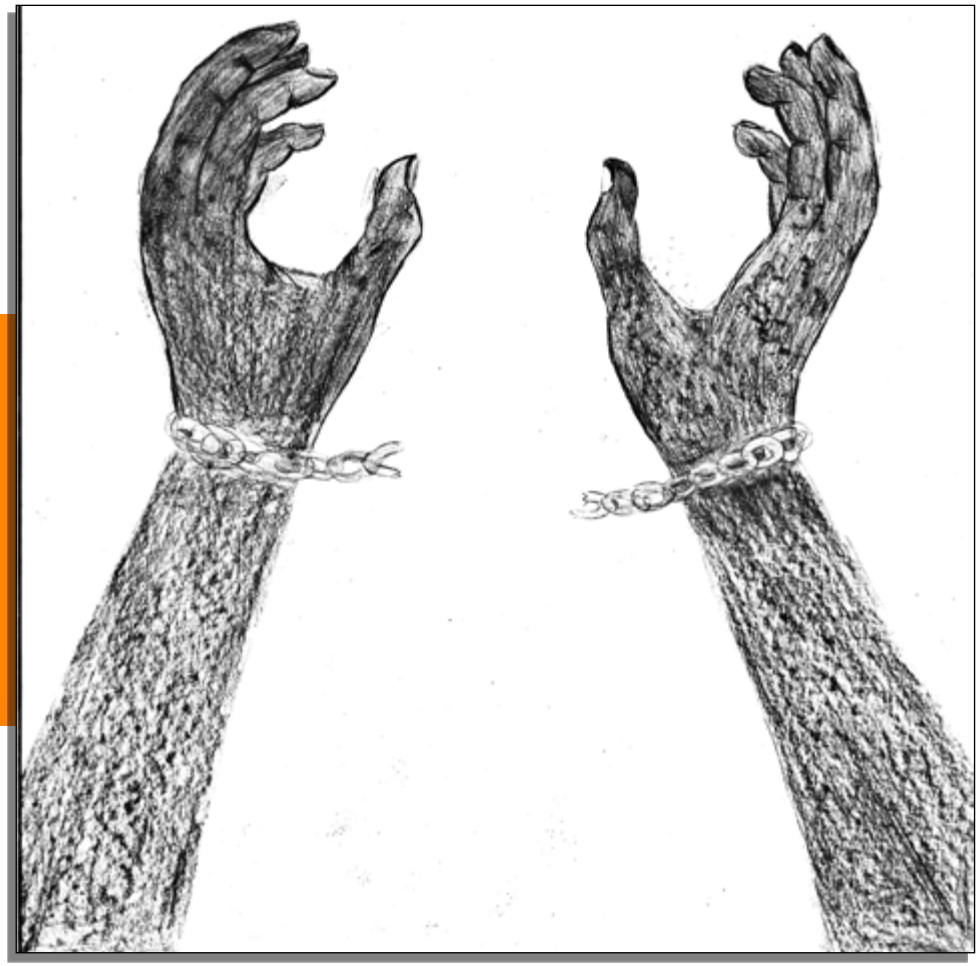


Fonte: participante da oficina de desenho, 2019.

Neste desenho, é retratado o líder quilombola Ambrósio.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 33 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/9

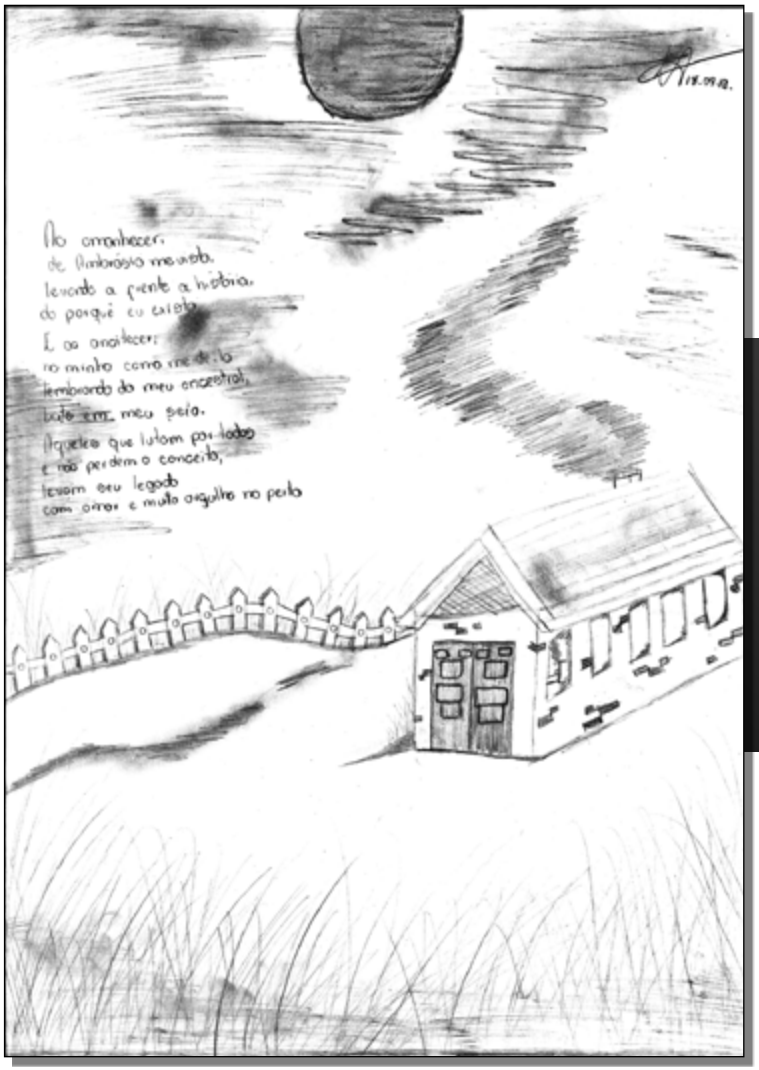


Fonte: participante da oficina de desenho, 2019.

Neste desenho, são retratadas mãos negras em libertação.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 34 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/10



Neste trabalho, poema e desenho se unem para falar de Ambrósio.

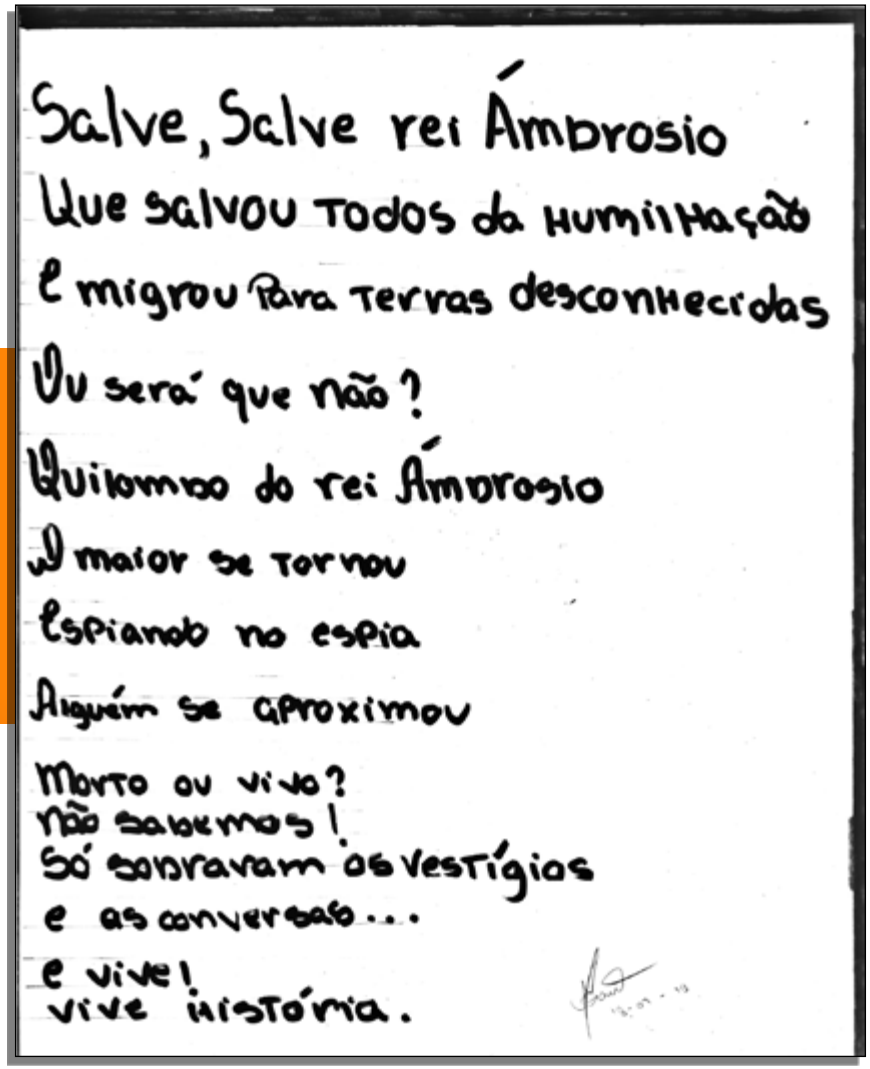
Comunidade do Quilombo, 2019.

Fonte: participante da oficina de desenho, 2019.

Figura 35 — Trabalho artístico desenvolvido na oficina de desenho/11

Neste trabalho, poema que exalta Ambrósio.

Comunidade do Quilombo, 2019.



Fonte: participante da oficina de desenho, 2019.

PARTE III

Comunidade do Quilombo

Nesta seção, a Comunidade do Quilombo e as atividades nela desenvolvidas no âmbito do programa IFTM Itinerante encontram-se retratadas. Conhecer o povoado é conhecer o cotidiano de quem nele mora; caminhar por ele é atravessar a história transformada em localidade. As oficinas e as demais ações lá executadas tiveram como objetivo valorizar, sensibilizar e aprender. Os bons momentos nelas vividos ainda são guardados com carinho na memória dos participantes.

Figura 36 — Vista aérea da Comunidade do Quilombo



Fonte: Teófilo Arvelos, 2023.

Vista aérea da Comunidade do Quilombo, situada ao lado da rodovia MG-235. O censo demográfico de 2022 revelou que, naquele ano, viviam 92 pessoas na localidade.

Comunidade do Quilombo, 2023.

Figura 37 — Vista aérea da praça da Comunidade do Quilombo



Fonte: Teófilo Arvelos, 2023.

Vista aérea da praça da Comunidade do Quilombo. A praça sempre funcionou como local de encontro para a comunidade. Durante a execução do programa IFTM Itinerante, foi também lugar de encontro entre moradores e voluntários. À noite, momentos de conversa e descontração se davam ali, em intercâmbios de saberes, opiniões e vivências.

Comunidade do Quilombo, 2023.

Figura 38 — Quadra poliesportiva da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Quadra poliesportiva da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio, onde os estudantes da escola têm aulas de Educação Física.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 39 — Estudante regando mudas de beterraba



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Estudante da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio faz uso de uma mangueira para regar mudas de beterraba recém-plantadas. Durante o IFTM Itinerante, os voluntários, em conjunto com os estudantes locais, plantaram uma horta ao lado da escola, a fim de sensibilizar e mobilizar a comunidade escolar para a valorização das fontes alimentares saudáveis e ambientalmente responsáveis. Meses mais tarde, as crianças enviaram uma foto aos voluntários do programa mostrando a horta já crescida, evidenciando, assim, os cuidados que tiveram para com ela.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 40 — Instrumento de percussão recém-produzido



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Estudante da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio produz um instrumento de percussão, feito de grãos e de latas de extrato de tomate. À direita, chocalho usado durante oficina de música, em que foram apresentados alguns instrumentos característicos de músicas afro-brasileiras.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 41 — Momento artístico na Escola Municipal Quilombo do Ambrósio



Momento artístico na Escola Municipal Quilombo do Ambrósio. Após oficina de música, as crianças foram encorajadas a produzirem os seus próprios instrumentos, utilizando materiais recicláveis. Na foto, estudantes pintam galão de plástico transformado em instrumento de percussão.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Figura 42 — Instrumentos de percussão produzidos por estudantes



Instrumentos de percussão produzidos por estudantes da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio. Valendo-se de latas de leite em pó e de espetos de madeira, além de materiais como tintas, pincéis, fitas e colas, as estudantes fizeram os seus próprios tambores.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Figura 43 — Oficina “Mulheres extraordinárias”



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Na oficina “Mulheres extraordinárias”, voluntárias do IFTM Itinerante contam a estudantes da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio um pouco da trajetória de mulheres negras brasileiras que se destacaram em diversas áreas. Foram apresentadas as vidas de Elza Soares, Marielle Franco, Dandara, Marta Vieira da Silva e Ana Maria Gonçalves. Seus exemplos de vida, de luta e de determinação inspiraram os estudantes, que se mostraram atentos à narração de suas trajetórias.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 44 — Estudante recortando imagem do livro *Um defeito de cor*



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Estudante da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio recorta imagem do livro *Um defeito de cor*, da escritora negra Ana Maria Gonçalves, nascida em Ibiá. Após a oficina "Mulheres extraordinárias", os estudantes da escola produziram um painel com imagens associadas às vidas daquelas que foram apresentadas na atividade.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 45 — Templo católico da Comunidade do Quilombo



Templo católico situado ao lado da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio e da praça do povoado. Na foto, as ruas ainda eram de terra. Em meados de 2021, a Prefeitura Municipal de Ibiá as pavimentou.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Figura 46 — Uma das casas mais antigas ainda existentes do povoado



Uma das casas mais antigas ainda existentes da Comunidade do Quilombo. O povoado foi historicamente um refúgio para a população negra. Atualmente, parte importante dos moradores é constituída por imigrantes nordestinos.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Figura 47 — Entrada de casa da Comunidade do Quilombo



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Entrada de casa da Comunidade do Quilombo. Como a residência da página anterior, esta também é bastante antiga. Em seu interior, objetos simples, que revelam uma vida humilde, mas hospitaleira, características comuns a todos os moradores do povoado com que os participantes do projeto IFTM Itinerante tiveram contato.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 48 — Esgoto a céu aberto na Comunidade do Quilombo



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Esgoto a céu aberto na Comunidade do Quilombo. O povoado ainda lida com problemas básicos de infraestrutura e de assistência.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 49 — Lâmpada instalada em residência da Comunidade do Quilombo

Lâmpada instalada durante reforma elétrica de residência carente na Comunidade do Quilombo. O projeto de extensão Eletro Instala, do IFTM *Campus* Patos de Minas, visa realizar reformas elétricas de imóveis de famílias de baixa renda, sem implicar qualquer custo aos moradores. Sua primeira edição foi em 2017, sendo, desde sua origem, conduzido por estudantes e professores do curso técnico de Eletrotécnica.

Comunidade do Quilombo, 2019.



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Figura 50 — Estudantes participantes do Eletro Instala



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Estudantes do curso técnico de Eletrotécnica integrado ao ensino médio participantes do Eletro Instala, projeto de extensão do IFTM *Campus* Patos de Minas, posam para foto. Na Comunidade do Quilombo, a equipe do projeto realizou a reforma elétrica de duas residências carentes, de forma gratuita.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 51 — Moradora recebendo foto da equipe do Eletro Instala



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

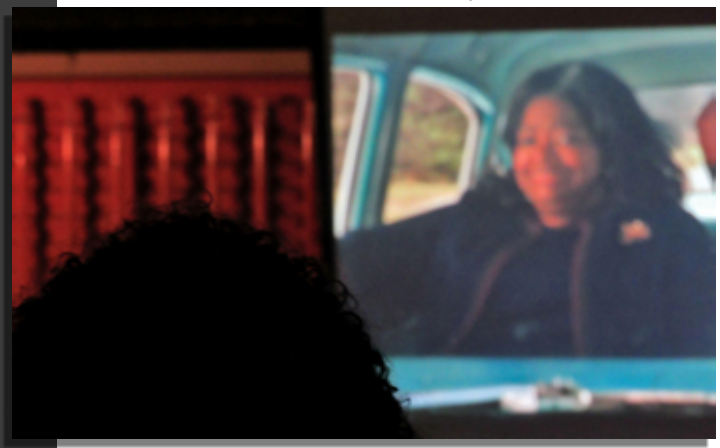
Após a inauguração do resultado da reforma da rede elétrica de sua casa, moradora da Comunidade do Quilombo recebe, da equipe do projeto Eletro Instala, foto do primeiro dia de trabalho dos voluntários em seu lar, a qual reflete uma lâmpada recém-instalada de sua cozinha.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Diversas atividades culturais foram realizadas na praça do povoado. Entre elas, a exibição do filme *Estrelas além do tempo* (2016), dirigido por Theodore Melfi. A produção conta a história de uma equipe de cientistas da NASA, formada exclusivamente por mulheres negras, que trabalhou para a agência americana no contexto da corrida espacial entre EUA e URSS. Na foto, estudante assiste ao filme. Embora poucas pessoas tenham participado desse momento, o público que se fez presente se mostrou interessado pela obra, que mostra a força do trabalho e da determinação de mulheres negras, também observável na comunidade.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 52 — Exibição do filme *Estrelas além do tempo*



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Figura 53 — Momento musical conduzido por voluntárias do projeto



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Nos encontros da praça, mas também nas casas assistidas pelo IFTM Itinerante, momentos musicais, conduzidos por duas estudantes do IFTM *Campus* Patos de Minas, alegravam os presentes. Conforme afirma o dramaturgo Augusto Boal (2009, p. 203), a música "é a forma pela qual o ser humano organiza sua relação sonora com o lugar em que vive e com o Universo". Na Comunidade do Quilombo, não era diferente.

Comunidade do Quilombo, 2019.

Figura 54 — Festa junina



Fonte: Teófilo Arvelos, 2019.

Na última noite do IFTM Itinerante, foi realizada uma festa junina na Comunidade do Quilombo, com dança, música e comidas típicas — uma forma calorosa de despedida entre os voluntários do programa e os moradores locais. Aqui, os laços construídos por meio das oficinas e demais atividades do projeto se traduziram em abraços, cantorias e conversas animadas. Ao final, ficou no ar a sensação de que aquela despedida não seria para sempre. De fato, a exposição *Quilombo itinerante*, concebida alguns anos depois, permitiu reencontros em Patos de Minas e Ibiá, retratados na seção seguinte.

Comunidade do Quilombo, 2019.

PARTE IV

Itinerâncias do *Quilombo itinerante*

Na última parte desta obra, são apresentados registros das exibições da exposição *Quilombo itinerante*, que embasa este livro. Ao longo de suas itinerâncias, o trabalho ganhou adaptações. Novas fotografias foram adicionadas, uma edição virtual foi elaborada e, por fim, uma versão para o cinema foi concebida. As exibições atingiram centenas de pessoas, de diferentes lugares do país. Com este livro, a exposição se "imortaliza", transformando-se em fonte perene de conhecimento e de valorização de uma história que jamais será esquecida.

Figura 55 — Visita de moradores à primeira exibição da exposição



Fonte: Equipe de Comunicação do IFTM *Campus* Patos de Minas, 2023.

Visita de moradores da cidade de Ibiá e da Comunidade do Quilombo, muitos deles retratados na exposição, à primeira exibição do *Quilombo itinerante*, que ocorreu no IFTM *Campus* Patos de Minas em fevereiro de 2023.

Patos de Minas, 2023.

Professora da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio ao lado da fotografia de si mesma na exposição *Quilombo itinerante*, no IFTM *Campus* Patos de Minas.

Patos de Minas, 2023.

Figura 56 — Professora do povoado na exposição



Fonte: Márcia Xavier, 2023.

Figura 57 — Morador na exposição



Fonte: Márcia Xavier, 2023.

Morador da Comunidade do Quilombo, que teve a sua casa reformada pelo Eletro Instala, ao lado da fotografia de si mesmo na exposição *Quilombo itinerante*, no IFTM *Campus* Patos de Minas.

Patos de Minas, 2023.

Figura 58 — Professor do povoado na exposição



Fonte: Márcia Xavier, 2023.

Professor da Escola Municipal Quilombo do Ambrósio fazendo um registro de parte da exposição *Quilombo itinerante*, no IFTM *Campus* Patos de Minas, em que vê fotografia de si mesmo.

Patos de Minas, 2023.

Montagem do *Quilombo itinerante* na Praça de Esportes Municipal Adolfo Ribeiro de Carvalho (Pemarc), em Ibiá, para a cerimônia de lançamento e obliteração do selo e do carimbo comemorativos do centenário do município, em maio de 2023. A convite da Secretaria Municipal de Educação, a exposição foi exibida no evento, já que esta retrata parte da história local.

Ibiá, 2023.

Figura 59 — Montagem da exposição no Centenário de Ibiá



Fonte: Teófilo Arvelos, 2023.

Figura 60 — Convite para cerimônia de celebração do Centenário de Ibiá



Fonte: Prefeitura Municipal de Ibiá, 2023.

Com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Ibiá, também foi possível retornar à Comunidade do Quilombo para a realização de novas fotos, uma vez que a paisagem urbana havia se modificado significativamente desde 2019, ano da execução do projeto IFTM Itinerante. A escola foi reformada, ruas foram asfaltadas e estrutura de coleta de esgoto foi instalada. Os resultados estão visíveis nas figuras 36 e 37.

Figura 61 — Os autores na montagem da exposição em Ibiá



Fonte: Wanessa de Cássia Neto, 2023.

Os idealizadores do *Quilombo itinerante* e autores deste livro terminam de montar a exposição em Ibiá.

Ibiá, 2023.

Figura 62 — Visitantes usando os monóculos da exposição em Ibiá



Fonte: Teófilo Arvelos, 2023.

Jovens do município de Ibiá olham através de monóculos no *Quilombo itinerante*. Nos pequenos objetos, foram inseridas fotos que mostram a vista de cima do Morro do Espia, proporcionando, aos visitantes da exposição, a experiência de poder "espiar" o território, como faziam os antigos quilombolas.

Ibiá, 2023.

Figura 63 — Exposição virtual para estudantes do IFMG



Após o Centenário de Ibiá, foi desenvolvida a edição virtual da exposição, exibida pela primeira vez em 2 de junho de 2023 no âmbito das atividades da Semana da Cultura do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) *Campus* Ipatinga. A apresentação, que ocorreu de forma híbrida, foi feita a estudantes de ensino médio da instituição.

Fonte: Márcia Xavier, 2023.

A exposição *Quilombo itinerante* atravessou as fronteiras de Minas Gerais e teve a sua terceira exibição realizada de 12 de setembro a 2 de outubro de 2023, no saguão do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no estado de São Paulo, atraindo pessoas de vários institutos da universidade e visitantes externos.

Campinas, 2023.

Figura 64 — Montagem da exposição na Unicamp



Fonte: Teófilo Arvelos, 2023.

Figura 65 — Novo pôster na terceira exibição do *Quilombo itinerante*



Fonte: Teófilo Arvelos, 2023.

O pôster da terceira exibição do *Quilombo itinerante* trazia uma novidade: por meio de um código QR, o visitante conseguia acessar a edição virtual da exposição, ali inserido com o objetivo de que as fotos e as legendas pudessem ser retomadas, a qualquer tempo, por qualquer interessado.

Campinas, 2023.

Figura 66 — Quarta montagem: 7.º ConPITec e 1.º CONEXT do IFTM



Fonte: Márcia Xavier, 2023.

A exposição também integrou a agenda cultural do 7.º Congresso de Pesquisa e Inovação Tecnológica (ConPITec) e do 1.º Congresso de Extensão (CONEXT) do IFTM, que foram realizados entre os dias 22 e 25 de novembro de 2023 nas dependências do SEST SENAT, em Patos de Minas.

Patos de Minas, 2023.

Figura 67 — Painéis na quarta exibição da exposição



Fonte: Márcia Xavier, 2023.

Painéis do *Quilombo itinerante* no 7.º ConPITec e 1.º CONEXT vistos de outro ângulo. A ocasião foi uma oportunidade de divulgar, para pessoas de todos os *campi* do IFTM, a história do Quilombo do Ambrósio.

Patos de Minas, 2023.

Figura 68 — Exposição *O Quilombo do Ambrósio no cinema*



Fonte: Márcia Xavier, 2023.

Adaptação da exposição para o cinema compôs a programação da 2.ª Semana Municipal da Consciência Negra, promovida pela Prefeitura Municipal de Patos de Minas, no ano de 2023, no Museu da Cidade de Patos de Minas (MuP).

Patos de Minas, 2023.

Figura 69 — *O Quilombo do Ambrósio no cinema* no MuP



Fonte: Márcia Xavier, 2023.

No processo de adaptação do *Quilombo itinerante* para o cinema, foram acrescentadas músicas e narrações. Havia um controle remoto à disposição do visitante, de modo que este podia assistir ao vídeo do começo ou retomar alguma parte que tivesse achado mais interessante.

Patos de Minas, 2023.

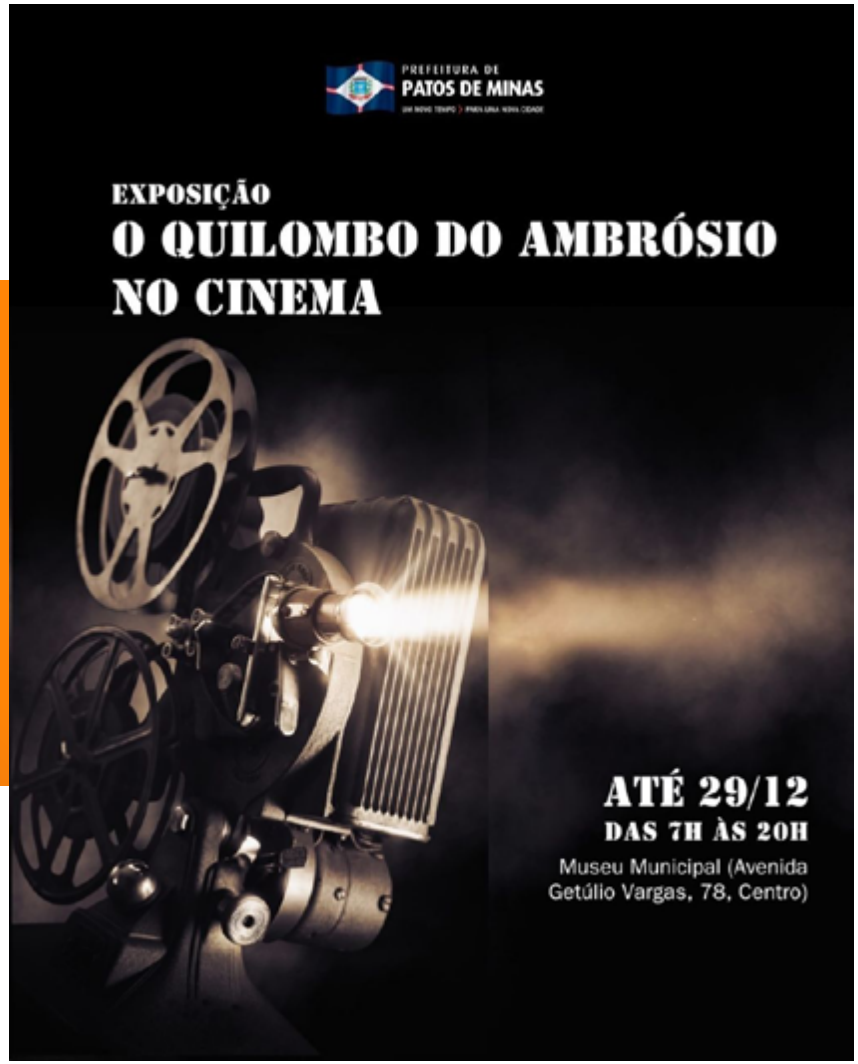
Figura 70 — Programação da 2.ª Semana Municipal da Consciência Negra



Fonte: Prefeitura Municipal de Patos de Minas, 2023.

Por meio da Lei n.º 8.296, de 3 de agosto de 2022, Patos de Minas instituiu a Semana Municipal da Consciência Negra, a ser celebrada anualmente. De acordo com a lei, a data da comemoração deve coincidir com o dia 20 de novembro, Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra.

Figura 71 — Material de divulgação de *O Quilombo do Ambrósio no cinema*



Fonte: Prefeitura Municipal de Patos de Minas, 2023.

Devido ao seu sucesso, a exposição, inicialmente prevista para ocorrer de 15 a 26 de novembro, estendeu-se até 29 de dezembro. Ao longo desse período, por meio dela, inúmeras pessoas puderam conhecer um pouco mais sobre o quilombo e o povoado.

Palavras de um guardião da história quilombola[1]

Figura 72 — Griô exibe livro sobre a história de sua família



Fonte: Márcia Xavier, 2025.

Sou José Antônio Ventura, presidente da Associação dos Remanescentes dos Quilombos das Famílias Teodoro de Oliveira e Ventura (Arqtov) — presente em Patos de Minas, Serra do Salitre e Patrocínio — e da Federação Nacional das Associações Quilombolas (Fenaq). Fico muito feliz em ver este trabalho, que é um dos primeiros a falar, por meio de fotos, sobre a história do famoso Quilombo do Ambrósio, o segundo maior quilombo do Brasil, que desempenhou tantas lutas em benefício do povo negro de Minas Gerais. Ações desse tipo trazem muita visibilidade para a história do povo afro-brasileiro. Precisamos somar, trabalhar juntos para que consigamos transformar o Quilombo do Ambrósio de Ibiá em um museu vivo, o qual todas as escolas e todo o povo negro possam visitar. Ambrósio foi um grande guerreiro; todos nós, brasileiros, precisamos conhecer a sua história, a sua área de batalha; precisamos saber que, nesta região, houve um dos maiores quilombos do país, tão representativo da resistência do povo negro contra a escravidão.

1 Fala registrada em 21/1/2025 no Museu do Negro Quilombola, em Patos de Minas, após a leitura de *Quilombo itinerante: uma exposição transformada em livro* para José Antônio Ventura, referência na divulgação da história dos quilombos do Campo Grande. Suas considerações orais foram transcritas e editadas pelos autores deste livro.

Hoje, a memória e a espiritualidade dos antigos quilombos, preservada e transmitida pelos gangas, pelos griôs, tanto homens como mulheres, vem se perdendo, porque a nossa história é oral, é passada de pai para filho. E muitos filhos não têm interesse em conhecer a história dos seus antepassados. Tenho 73 anos de idade, mas conto histórias de 200 anos atrás, que o meu bisavô passou para o meu avô, que o meu avô passou para o meu pai, que o meu pai passou para mim e que eu passo para meus filhos. Guardo a história viva dos negros que moraram aqui antes de 1800.

Ambrósio foi morto no Quilombo da Pernaíba, da família Ventura, às margens do córrego Feio, próximo a Patrocínio. Ser quilombola é não ser submisso, é sempre resistir. E, para que isso não se perca, os griôs, como eu, buscam proteger e valorizar a memória do povo negro, as nossas riquezas culturais, a nossa espiritualidade. O que os meus pais me contavam quando eu era criança está hoje totalmente comprovado nos cartórios, nos livros. É uma história real, que também se manifesta na forma de espiritualidade. É importante que esta riqueza seja documentada para que traga a verdade do que ocorreu com o povo negro.

Na realidade, nossa história foi muitas vezes destruída, seja nos cartórios, seja nas igrejas. O que havia nesses locais foi queimado, mas só foram queimados os documentos dos negros. É por isso que os quilombolas foram expropriados de suas terras. Eles ficaram sem direito à posse de nada. Hoje as universidades e os institutos federais vêm trabalhando conosco para que esta história não se apague. A implementação da Lei n.º 10.639/2003, que traz a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileiras e africanas em todas as escolas, é fundamental.

E este livro vem somar nesse sentido. Que ele atinja todos os patamares possíveis, para que também desperte os governos municipais para a importância de recuperar a nossa história, e não de a apagar. Meus parabéns aos idealizadores desta obra e da exposição Quilombo itinerante*, trabalhos que trazem muita riqueza cultural para o nosso povo.*

Considerações... finais?

Esta obra é um trabalho conjunto. Muitas mãos foram necessárias para a realização do programa IFTM Itinerante, da exposição *Quilombo itinerante* e do presente livro. Acreditamos que, mesmo contando com poucos recursos, a ajuda de tantas pessoas multiplicou o que tínhamos, fazendo um grande produto. O resultado foi muito positivo. As fotos não impressionam por sua beleza estética. Tiradas por câmeras simples, não se destacam por sua técnica, mas por seu significado, por aquilo que representam. Na seleção das imagens para compor a exposição e o livro, o atributo beleza foi secundário. Ainda assim, o produto final ficou belo, e belo pelo que é.

A história do Quilombo do Ambrósio de Ibiá/Campos Altos e da população de seu entorno segue nos inspirando. Ver o sorriso no rosto dos moradores nas exibições da exposição é ter a certeza de que nossos esforços valeram a pena. Na verdade, essa história não ficou no passado, ainda está sendo escrita.

No final das exibições do *Quilombo itinerante*, deixávamos um bilhete em que se lia: "Obrigado pela visita!" Queremos também agradecer, neste momento, aos leitores deste livro. Fazer com que nossa ideia de exposição "saísse do papel", ao longo de 2022 e no início de 2023, não foi fácil; fazer com que ela "entrasse no papel" (isto é, que virasse livro), em 2024, também foi trabalhoso. Porém, ambas as ações foram muito gratificantes. O *Quilombo itinerante* não encerrou; ele continua! A memória do antigo quilombo ainda é viva e pulsante.

"Itineremos"!

Os autores

Referências

ANJOS, R. S. A. Cartografia e Quilombos: territórios étnicos africanos no Brasil. **Africana Studia**, Porto, n. 9, p. 337-355, 2006. Disponível em: https://ojs.letras.up.pt/index.php/AfricanaStudia/article/view/7286. Acesso em: 21 set. 2024.

BOAL, A. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BONNEMAISON, J.; CAMBREZY, L. Le lien territorial entre frontières et identités. **Géographie et cultures**, v. 20, p. 7-18, 1996.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, [2024]. Disponível em: https://planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 29 jun. 2024.

GOMES, F. S. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GUIMARÃES, C. M. **Uma negação da ordem escravista**: quilombos em Minas Gerais no século XVIII. São Paulo: Ícone, 1988.

GUIMARÃES, C. M.; CARDOSO, J. S. Arqueologia do Quilombo: Arquitetura, Alimentação e Arte (Minas Gerais). *In*: MOURA, C. (org.) **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió: Edufal, 2001, p. 35-58.

KARASCH, M. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás. *In*: REIS, J. J.; GOMES, F. S. (org.) **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. 6. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, p. 274-299, 2021.

MARTINS, G. M. **A Conquista dos Sertões de Minas**: a Colonização das Nascentes do Rio São Francisco e Serra da Marcela. São Paulo: Dialética, 2022.

MARTINS, T. J. **Quilombo do Campo Grande**: História de Minas que se devolve ao povo. 4. ed. São Paulo: Tejota Editor, 2024.

MORAES, A. C. R. O sertão. Um "outro" geográfico. **Terra Brasilis**, [s. l.], n. 4-5, p. 1-8, 2003. DOI: https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.341. Disponível em: https://journals.openedition.org/terrabrasilis/341. Acesso em: 22 jul. 2024.

MORAES, A. C. R. **Território e História no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

PAIVA, E. L. A. *et al.* IFTM itinerante: da ancestralidade do quilombo à energia da modernidade – operação julho/2019-Ibiá. **Boletim Técnico IFTM**, Uberaba, ano 7, n. 1, p. 10-21, 2021. Disponível em: https://periodicos.iftm.edu.br/index.php/boletimiftm/article/view/1066. Acesso em: 11 jul. 2024.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 10. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, M. **Da Totalidade ao Lugar**. 1. ed. 3. reimpr. São Paulo: Edusp, 2014.

SHORE, E. Geographies of Resistance: Quilombos, Afro-Descendants, and theStruggle for Land and Environmental Justice in Brazil's Atlantic Forest. **Afro-Hispanic Review**, v. 36, n. 1, p. 58-78, 2017. Disponível em: https://jstor.org/stable/26572064. Acesso em: 21 set. 2024.

SOUZA, M. A. A. Território usado, rugosidades e patrimônio cultural: ensaio geográfico sobre o espaço banal. **PatryTer**, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 1-17, 2019. DOI: https://doi.org/10.26512/patryter.v2i4.26485. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/patryter/article/view/26485. Acesso em: 30 set. 2024.

STRAFORINI, R. **Tramas que brilham**. Curitiba: CRV, 2022.

Autores



Márcia Xavier é de Belo Horizonte. Pela UFMG, é doutora e mestre em Estudos Literários e graduada em Letras (Português/Espanhol). É professora do IFTM *Campus* Patos de Minas desde abril de 2014, onde faz parte do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) desde a sua implementação.



Teófilo Arvelos é mineiro de Patos de Minas, onde cursou o ensino médio no IFTM. Formou-se em Geografia pela Unicamp, na qual faz mestrado na mesma área. É autor de seis livros de poesia, publicados pelo Grupo Editorial Atlântico.

Entre as serras e o cerrado de Minas Gerais, *Quilombo itinerante* nasce do encontro entre arte, memória e território. Inspirado na exposição homônima, o livro convida o leitor a percorrer os caminhos do **Quilombo do Ambrósio**, um dos mais emblemáticos espaços de resistência negra no Brasil, revelando a força ancestral que molda identidades e inspira gerações.

Cada página carrega fragmentos de história e poesia: fotografias, relatos e gestos que resgatam a presença viva do povo quilombola, suas tradições, saberes e modos de existir. É uma obra que **transcende o registro documental**, transformando a imagem em vivência e a lembrança em potência criadora.

Através de um olhar sensível e comprometido, os autores **Márcia Xavier** e **Teófilo Arvelos** entrelaçam arte e pesquisa, educação e extensão, para construir um retrato que honra o passado e projeta futuros possíveis. O leitor é convidado a sentir o ritmo das vozes que ecoam do Ambrósio — vozes que resistem, ensinam e reinventam o tempo.

Mais do que um livro, *Quilombo itinerante* é um **ato de memória e reconhecimento**, um convite à escuta e ao pertencimento. Um registro que se move — assim como o quilombo —, levando adiante a herança de luta, liberdade e esperança que habita o coração do Brasil.

editora IFTM

INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Triângulo Mineiro

ISBN 978-85-64139-18-3